

CONIC-SEMESP 13º Congresso Nacional de Iniciação Científica

Anais do Conic-Semesp. Volume 1, 2013 - Faculdade Anhanguera de Campinas - Unidade 3. ISSN 2357-8904

TÍTULO: IMPRESSÕES DE VIAJANTES SOBRE ARTE E CULTURA NO BRASIL (SÉCULOS XVIII-XIX) – CORPUS A E B

CATEGORIA: CONCLUÍDO

ÁREA: CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

SUBÁREA: HISTÓRIA

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA

AUTOR(ES): ANDREA RAMON RUOCCO, DOUGLAS PINHEIRO GRACIANO

ORIENTADOR(ES): VALÉRIA ALVES ESTEVES LIMA

Realização:



Apoio:



IMPRESSÕES DE VIAJANTES SOBRE ARTE E CULTURA NO BRASIL (SÉCULOS XVIII-XIX) – *Corpus A e B*

1. RESUMO

O esforço desse projeto de pesquisa foi o interesse em empreender um levantamento, sistematização e análise de impressões de viajantes estrangeiros relacionadas à arte e cultura no Brasil, no período entre os séculos XVIII e XIX. Consideramos como objetos de investigação obras (relatos, diários, narrativas, entre outros) produzidas a partir de experiências de viagem ao território da América portuguesa e do Brasil Imperial.

O projeto se dividiu em dois “*corpus*” que abarcavam objetos de estudos com certas diferenças entre si. O *Corpus A* dedicou-se assim a viagens que convencionamos chamar de “longa permanência”, ou seja, aquelas cuja duração fosse maior do que três anos. Já o *Corpus B*, incluiu viagens de “curta duração”, entendendo essas como estadias que não excederam o limite de três anos.

A leitura das obras teve por finalidade identificar as passagens onde os viajantes exprimiam impressões, descrições e juízos, daquilo que poderia evidenciar que os parâmetros culturais e civilizadores europeus estavam sendo apropriados pelas sociedades do “Novo Mundo”. Mais especificamente, buscamos encontrar referências e descrições de obras e manifestações artísticas porventura testemunhadas pelos viajantes. A seleção de obras que foram lidas privilegiou o acervo da biblioteca da UNIMEP (instituição de ensino na qual os bolsistas cursam a graduação), ou então, livros disponíveis em versão digital, com acesso integral ao público.

De modo geral, encontramos descrições de monumentos e edifícios; relatos de experiências com música, dança e teatro presentes no Brasil; referências específicas a objetos artísticos, como telas de pintura ou esculturas; além de impressões gerais fornecidas pelos autores a respeito do estágio de desenvolvimento da sociedade brasileira do período nesse âmbito em particular (arte e cultura).

Tendo findado o período da pesquisa, temos uma quantidade ampla de impressões transcritas, organizadas e arquivadas. O potencial destas para a

construção de conhecimento histórico pôde ser demonstrado em análises produzidas a partir de temas específicos, no final do projeto.

2. INTRODUÇÃO

O tema, bem como o *corpus* documental, da literatura de viajantes no Brasil pertence a um domínio que vem sendo objeto de investigações por profissionais de várias áreas do conhecimento. Trata-se de um conjunto documental que foi se constituindo na medida em que estrangeiros das mais diversas formações e origens percorreram o território da América portuguesa e do Brasil Imperial, desde o século XVI até o século XIX, prioritariamente.

As contribuições de Roger Chartier (1990) para a chamada *História Cultural* serviram de eixo-teórico para diversas análises de estudiosos que se debruçaram sobre a literatura de viajantes. O conceito de *representação*, delineado por Chartier, nos permite analisar os relatos de viajantes entendendo-os como *discursos da realidade*. O historiador francês nos impele a identificar o modo como uma determinada realidade social é construída, pensada e representada, levando-nos a entender os relatos lidos como discursos atravessados por códigos, juízos e preconceitos contidos na formação cultural dos viajantes.

Com relação ao tema “arte e cultura”, o mesmo vem sendo explorado, sobretudo, no conjunto identificado como *iconografia de viajantes*. De várias maneiras, essa iconografia tem servido ao estudo do desenvolvimento artístico no país, resultando em trabalhos de extremo fôlego e alta qualidade como os de Karen Macknow Lisboa (1997), sobre a expedição de Spix e Martius, ou sobre o artista Debret, no caso de Valéria Lima (2007).

Os discursos dos viajantes, em grande parte, contribuíram na formação de representações que relegavam ao Brasil um espaço marginalizado, tido como culturalmente “atrasado” e “dependente”, e conseqüentemente, desprovido de originalidade e qualidade quando o quesito era a arte e a cultura, mas sempre tendo em contraposição o enaltecimento da natureza, rica e exuberante. A construção desse tipo de discurso no século XIX, orientado por demandas e sensibilidades europeias, é explorada por Márcia Naxara (2001).

Tomando os relatos como *representações*, podemos também explorar a construção de discursos, em grande parte depreciativos, acerca das cidades brasileiras. Nesse sentido apresentam-se trabalhos de Sheila Katiane Staudt (2008), e de Sandra Jatahy Pesavento (2007).

Como último referencial teórico a ser mencionado nessa ocasião, o trabalho de Mary Louise Pratt (1999) explora conceitos fundamentais para as reflexões em torno da produção dos viajantes em todos os contextos, tais como “transculturação”, “zona de contato” e “anticonquista”.

3. OBJETIVOS

Os objetivos do projeto foram: A) Aprofundar o conhecimento sobre as obras produzidas por viajantes estrangeiros no Brasil; B) Sistematizar os trechos relacionados ao estado da arte e da cultura no território, encontrados em obras publicadas ao longo dos séculos XVIII e XIX; C) Desenvolver análises de trechos selecionados, considerando seu potencial informativo e sua natureza de *representação* da realidade brasileira.

4. METODOLOGIA

Devido à particularidade das fontes, este projeto de iniciação científica desenvolveu uma metodologia própria, visando à produção de uma ferramenta de consulta que possibilitasse o trabalho de pesquisadores com os relatos de viajantes. Delineamos as seguintes etapas:

- Leitura bibliográfica sobre o tema literatura de viagem e representações do Brasil nos séculos XVIII-XIX.
- Pesquisa documental com o intuito de agregar informações acerca dos viajantes, das obras produzidas por estes e outras informações porventura importantes.
- Leitura integral de obras de viajantes, com vistas à identificação dos trechos que trouxessem impressões acerca da assimilação dos parâmetros artísticos e culturais europeus pela sociedade brasileira.

- Transcrição dos trechos selecionados e sistematização destes em arquivos de *Word*, orientando-se por regras que garantissem o posterior uso do material por pesquisadores.
- Confecção de uma análise, sendo designado um eixo temático de acordo com as especificidades das impressões de viajantes do *Corpus A* e do *Corpus B*.

5. DESENVOLVIMENTO

No início da pesquisa, trabalhamos no levantamento de dados sobre obras publicadas pelos viajantes estrangeiros no Brasil nos séculos XVIII e XIX, para composição de uma tabela, através de diversas fontes e meios. Após uma primeira listagem, foi necessário verificar se havia publicações relacionadas às suas viagens. Este procedimento foi realizado através de diversos tipos de consultas em meios eletrônicos, produções acadêmicas e demais referências, como o catálogo de obras publicadas pela Editora Itatiaia, que publicou [sobretudo na década de 1970] grande parte das traduções disponíveis de relatos de viagem. A partir dos dados adquiridos, compusemos tabelas que abarcam dezenas de viajantes, partindo para a seleção dos títulos que seriam lidos.

Estipuladas as obras, seguimos com a leitura e seleção de citações que se encaixavam enquanto *impressões de arte e cultura*, indícios da transferência da cultura europeia e sua apropriação pela sociedade brasileira. Identificada a importância do trecho, realizou-se a marcação e a digitação do conteúdo no formato de uma ficha padronizada para todas as obras. Optamos pela exclusão, durante a etapa de leitura, daqueles viajantes que passaram pelo território no século XVIII, pois as obras deste período raramente estão disponíveis na íntegra em edições traduzidas.

As obras escolhidas para o *Corpus A* foram: *Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo* de Johann Jakob Von Tschudi, *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo, 1822* de Auguste de Saint-Hilaire; *Viagem à Província de São Paulo* também de Saint-Hilaire; *Viagens ao interior do Brasil* de John Mawe; *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829* de Antoine Hercule Florence; *Brasil* de Ferdinand Denis; *Viagem Pitoresca Através do Brasil* de

Alcide D'Orbigny; *Viagem pelos Rios Amazonas e Negro* de Alfred Russel Wallace; *Dez Anos no Brasil* de Carl Seidler; e, de Adèle Toussaint-Samson, *Uma parisiense no Brasil*.

Para o *Corpus B*, as obras foram as seguintes: *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil* (2 volumes) de Daniel P. Kidder; *O Rio de Janeiro e seu arredores em 1824* de Ernest Ebel; *Viagem ao Brasil, 1865-1866* de Louis e Elizabeth Agassiz; *Brasil: Amazônia - Xingu do Príncipe Adalberto da Prússia*; *Viagem ao Rio: cartas da juventude, (1848-1849)* de Edouard Manet; *Mulheres e costumes do Brasil* de Charles Expilly; *Brasil Pitoresco: história, descrição, viagens, colonização, instituições* (2 volumes) de Charles Ribeyrolles; *Diário de uma viagem ao Rio de Janeiro e volta, nos anos de 1819 e 1820* de Ludwig von Rango; e, *Viagem de Berlim ao Rio de Janeiro e volta* de Theodor von Leithold.

As impressões de arte e cultura permeiam as entrelinhas de cada relato. Esbarramos, a todo momento, em ideias de civilização, progresso e miscigenação de raças, muitas vezes, de forma mais subjetiva, demandando extrema atenção. O exercício analítico e interpretativo se iniciou no próprio processo de inclusão e exclusão de trechos, ou seja, uma constante desde o início do projeto.

Pontuamos aqui a etapa final, que consistiu em confeccionar textos de análise baseados no conteúdo das transcrições. Partiu-se, então, da delimitação de um tema específico que pudesse ser interpretado à luz das transcrições dos relatos, o que pretendia igualmente evidenciar a funcionalidade do material selecionado. O tema escolhido foi, para o *Corpus A*, as *representações* da província de São Paulo pelos viajantes. Já o *Corpus B* dedicou-se às impressões sobre a paisagem urbana e os espaços da cultura na cidade do Rio de Janeiro no século XIX. As análises produzidas foram pautadas tanto nas citações transcritas sobre os respectivos objetos de estudo, quanto em referências bibliográficas relacionadas.

6. RESULTADOS

Como já mencionado, o trabalho empreendido nessa pesquisa teve, como resultado principal, a sistematização de trechos relevantes — as impressões — encontrados em 19 obras diferentes, totalizando um volume de 432 páginas de transcrições.

A imagem abaixo (Tabela 1) é referente à primeira página de um dos arquivos de transcrições, que seguem na totalidade o mesmo modelo de organização. Nessa página, são inseridos os dados necessários para a utilização do material, tais como: a identificação do viajante; o título da obra; dados editoriais da versão trabalhada; uma apresentação geral que envolve dados do autor, da viagem e da obra; a estrutura dos capítulos da obra. Na sequência, as transcrições em si, todas contendo a identificação do eixo temático, referências da página de onde foram extraídas e informações adicionais que possam orientar o leitor.

Tabela 1

AUTOR/VIAJANTE	Edouard Manet (1832-1883)
TÍTULO DA OBRA	<i>Viagem ao Rio: cartas da juventude (1848-1849)</i> Título original: <i>Lettres de jeunesse (1848-1849): Voyage a Rio</i>
DADOS EDITORIAIS	MANET, Edouard. <i>Viagem ao Rio: cartas da juventude, (1848-1849)</i> / Edouard Manet; tradução e apresentação Jean Marcel Carvalho França. — 2ª ed. — Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
APRESENTAÇÃO	Este é um relato de um jovem, aspirante a marinheiro, que se aventura na viagem para o Rio de Janeiro em um navio-escola. Durante sua estadia no Rio, Manet viu pouca semelhança entre a capital brasileira e Paris, sua terra natal, mas de qualquer forma não deixou de constatar o aspecto peculiar da natureza e da vida nas terras cariocas. Também não sentiu receios em esbaldar-se do carnaval do Rio, participando das brincadeiras tão retratadas pelos viajantes no século XIX, como por exemplo, o hábito de atirar <i>limões</i> (objetos de cera) encharcados de água nos transeuntes. Na obra também se destacam as observações sobre arquitetura, teatro e sobre as mulheres cariocas, sobretudo, no que se refere à dificuldade de vê-las em público.
DIVISÃO DA OBRA	A obra é dividida de acordo com a cronologia das cartas, e acompanham o trajeto de toda a viagem, desde a saída do porto francês em Havre, até os momentos que precediam o retorno à Europa, no porto do Rio de Janeiro.
TRECHOS	<i>Do porto do Rio de Janeiro</i> [carta destinada à mãe de Edouard Manet] pp. 73-76 - Arquitetura/ urbanismo (aspecto do Rio de Janeiro) “Após o almoço, eu e meu novo amigo saímos para percorrer a cidade, que é de tamanho considerável, mas conta com ruas muito estreitas. Para um europeu com o mínimo de senso artístico, o Rio de Janeiro tem um aspecto bastante [p.76] peculiar. (...)” pp. 77-80 - Arquitetura (igrejas e conventos no Rio de Janeiro) “(...) Visitei várias igrejas. Nenhuma delas é comparável às nossas: são cobertas de dourado e totalmente iluminadas, mas sem qualquer gosto. Há, na cidade, diversos conventos, entre os quais um [p.80] convento italiano, onde os religiosos usam capuz e uma longa barba. (...)”

1

Ao nos debruçarmos no universo no Brasil oitocentista, percebemos que a vinda de estrangeiros ao território e a publicação de seus relatos estiveram intrinsecamente ligados ao desenvolvimento da ciência. A busca por registrarem e constituírem uma *história natural universal* – e sem dúvida sob a influência naturalista e as teorias evolucionistas – fomentou não só um grande trabalho de catalogações, mas uma rica literatura de viagem.

Mas o século XIX está longe de ser só “ciência”. Para aqui vieram viajantes dedicados ao serviço religioso, ao serviço militar, em busca de melhores oportunidades em suas profissões, artistas, pintores... Mesmo os relatos de viagens ligados às pesquisas e expedições também discorriam sobre a moral e os costumes dos brasileiros. Há grande possibilidade de que o próprio convívio por maior tempo com a população que aqui vivia e com seus costumes tenha influenciado o entrelaçamento de suas experiências pessoais à produção de seus textos, mesmo

daqueles que apostavam em uma produção dita científica. Daí as *impressões de arte e cultura* em meio aos procedimentos de coletas da fauna e flora *tão pitoresca*, das longas narrações de paisagens, das descrições físicas dos índios nativos, dos registros corriqueiros próprios dos diários de viagem.

Os estranhamentos, que por conseqüência, geravam desaprovações daquilo que se via no Brasil, podem ser compreendidos no interior do conceito de “zonas de contato”, formulado por Mary Pratt, que se refere a

espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação — como o colonialismo, o escravagismo, ou seus sucedâneos ora praticados em todo mundo. (PRATT, 1999, p. 27)

As publicações, quase sempre lançadas logo após o retorno de seus autores à terra natal, mostram linguagens, mecanismos e padrões estéticos próprios. A tradução de vários títulos para várias línguas demonstra que havia público disposto a lê-los em diversas partes do mundo e que a ideia da publicação muitas vezes antecedia a própria viagem. Alfred Russel Wallace (1979) lamenta-se diversas vezes por não trazer mais informações em sua obra *Viagem pelo Rio Amazonas e Negro* devido à perda de grande parte de suas anotações e materiais coletados em um naufrágio; dá indícios de que sua intenção sempre fora a publicação. A própria Adèle Toussaint-Samson registra em sua obra sua vontade e dificuldade para publicar seu relato; um editor se recusa a ler seu texto porque já havia muitos trabalhos semelhantes (2003).

No caso específico das *representações* da província de São Paulo, analisada pelo *corpus A*, a localidade ainda era pouco desenvolvida economicamente, conservando seu caráter de “pouco civilizada” e rural – visual muito distante da São Paulo que percorrerá o século XX – foi apresentada em descrições simplificadas, pautadas nas peculiaridades do povo paulista e na arquitetura, ou seja, os trechos não apresentaram análises de uma produção artística mais complexa ou mesmo numerosa. Nesta breve análise pode-se perceber, por exemplo, que concepção contemporânea de arte (do que pode ou não ser denominado um objeto artístico) é também diferente da concepção moderna de arte que se estabelece no XIX. A arte europeia era, sobretudo, acadêmica, regida por rigorosos padrões técnicos e

estéticos. A influência indígena e africana era um agravante da incompreensão e que poderia minimizar a relevância das artes que já circundavam nosso território.

As condições de viagens de “curta duração” (específicas ao *Corpus B*), por vezes, impediram o viajante, devido ao tempo de permanência, de adquirir o mínimo dos conhecimentos suficientes para compreender as conversações em língua portuguesa, por exemplo, tornando os testemunhos das relações sociais, muitas vezes, impressões superficiais. Nem mesmo a linguagem da arquitetura — tida como universal — pôde ser compreendida, criando assim, conceitos negativos sobre as cidades, seus traçados, características e construções, em especial, as do período colonial.

Louis e Elizabeth Agassiz percorreram o Brasil entre 1865 e 1866. Em trechos sobre cidade-capital do Rio de Janeiro, Elizabeth ressentia-se de não encontrar aparatos julgados necessários (AGASSIZ, 1975). Outro viajante, ao falar também sobre o Rio de Janeiro, Daniel Parish Kidder, mostrou-se observador arguto dos aspectos da cidade, em especial com um levantamento das igrejas, mosteiros e capelas, em grande parte, herança do período colonial:

Tanto no centro como nos subúrbios, existem cerca de cinquenta igrejas e capelas. No apêndice damos uma lista de todas elas. São geralmente as edificações mais dispendiosas e imponentes do país, conquanto muitas delas tenham pouco de que se orgulhar quanto à concepção e ao acabamento. Há-as de diversas formas e estilos. Umas são octogonais, outras têm a forma de cruz romana ou grega, outras ainda são simplesmente oblongas. A igreja da Candelária é das maiores. Suas torres são mais altas e sua fachada é mais bela que as das outras. Contra o que geralmente se observa, está construída em terreno baixo e numa rua estreita.

Esta igreja foi erigida para ser a catedral da diocese do Rio de Janeiro. Iniciada já cerca de setenta anos, ainda não está totalmente terminada. Tal como quase todos os outros prédios para fins eclesiásticos, a Candelária constitui como que uma lembrança das passadas gerações. A construção de uma igreja no Brasil é empreendimento de que raramente se ouve falar.

Em muitos casos as capelas dos conventos são maiores e mais custosas que as igrejas. A do Convento de São Bento é uma [p.53] das mais velhas e, de acordo com a inscrição existente em uma lápide mural, foi reformada em 1671. O exterior do edifício é rude, porém, sólido; suas janelas são protegidas com pesadas grades de ferro que lhe emprestam mais a aparência de prisão que de casa de oração. Os lados da capela estão apinhados de altares e imagens. O teto e as paredes ostentam painéis representando passagens da vida do padroeiro e as relíquias de seus milagres são cuidadosamente conservadas. Numerosas imagens de anjos e querubins, esculpidas em madeira, douradas, olham de todos os cantos onde podem ser

penduradas; de fato, quase todo o interior é cor de ouro (...).
(KIDDER, 1980, p. 52-53)

Entretanto, não se ignora que as terras brasileiras foram alvo de olhares impressionados. Consideremos a cidade do Rio de Janeiro, já nos anos de 1842, centro do poder político e desenvolvimento cultural. É nesse ano que o Príncipe Adalberto da Prússia relata sua viagem pelo Brasil. Ao ver do viajante, o Rio responde ao posto que ocupa: uma cidade imperial.

A majestosa cidade do Rio de Janeiro (a muito leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro) com o seu mar de telhados, de igrejas, mosteiros, torres, os pitorescos terraços, as planas curtas e caindo verticalmente alcantilados platôs, os ressaltos rochosos cobrindo esses recantos, enchendo um vasto e aprazível vale, uma ridente planície que se estende para o interior por entre alegres colinas – realmente como uma verdadeira cidade imperial, graciosa e majestosa. (ADALBERTO, 2002, p.24)

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como enfatizamos ao longo deste texto, a literatura de viagens é um rico material de pesquisa. Há um grande número de publicações que foram traduzidas para o português, acervo que deve ser complementado pelas obras disponíveis em línguas originais, material que tem sido amplamente utilizado como fontes de suas produções por historiadores e profissionais de outras áreas de conhecimento. Porém, tal importância, que impulsionou diversos trabalhos publicados explorando estes viajantes, não nos privou de deparar com lacunas de dados durante esta pesquisa, o que demonstra a verdadeira necessidade de sua realização, já que é incipiente o conhecimentos que temos desses homens e mulheres que se dispunham a adentrar o “Novo Mundo”.

Com esse estudo abrem-se possibilidades do uso do material organizado como fonte para posteriores pesquisas; além do encorajamento para outros projetos que se incumbam de um tipo de levantamento semelhante ao realizado aqui - de ambas as formas, contribuições para a construção do conhecimento histórico.

8. FONTES CONSULTADAS

ADALBERTO, Príncipe da Prússia. **Brasil: Amazonas–Xingu**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

KIDDER, Daniel Parish. **Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do Sul do Brasil (Rio de Janeiro e Província de São Paulo)**: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas Províncias. Editora Itatiaia, 1980.

LIMA, Valéria. **J.-B. Debret, historiador e pintor: a Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil (1816-1839)**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

LISBOA, Karen Macknow. **A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)**. São Paulo: Editora Hucitec, FAPESP, 1997.

NAXARA, Márcia. Natureza e civilização: sensibilidades românticas em representações do Brasil no século XIX. In: M. Stella BRESCIANI; Márcia NAXARA. **Memória e (Res) sentimento**: indagações sobre uma questão sensível 2, (2001): 431-455.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Uma cidade sensível sob o olhar do “outro”: Jean-Baptiste Debret e o Rio de Janeiro (1816-1831). **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. (2007).

PRATT, Mary Louise. **Os Olhos do Império**. Relatos de Viagem e Transculturação. Bauru, SP: Edusc, 1999.

STAUDT, Sheila Katiane. A Porto Alegre do século XIX sob o olhar dos viajantes. **Nau Literária**, 3.1 (2008).

TOUSSAINT-SAMSON, Adèle. **Uma parisiense no Brasil**. Rio de Janeiro: Capivara, 2003. 190 p.

WALLACE, Alfred Russel. **Viagem pelos Rios Amazonas e Negro**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979. 317 p. 50 v. Coleção Reconquista do Brasil.